




C A P Í T U L O 9

A VOZ DA CRIANÇA NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: A TRANSFORMAÇÃO DO PROCESSO AVALIATIVO PELA ESCUTA ATIVA DA CRIANÇA NO JARDIM DE INFÂNCIA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.427162518119>

Inês Sofia Cardoso da Costa

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria
Leiria, Portugal

Joana Alexandra Soares de Freitas Luís

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria
Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF)
Aveiro, Portugal
ORCID: 0000-0002-4055-5970

Luís Miguel Gonçalves de Oliveira

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria
Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI)
Leiria, Portugal
ORCID: 0000-0003-3946-4374

RESUMO: Este capítulo apresenta uma análise aprofundada da relevância da voz e agência da criança no momento da avaliação da sua aprendizagem em contexto de Jardim de Infância. Baseado num estudo de caso qualitativo-interpretativo, o foco recai sobre a evolução da avaliação de um conceito técnico para uma prática formativa e participativa. O estudo demonstra que envolver ativamente a criança na avaliação, nomeadamente através do uso do portefólio como “tesouro” e ferramenta de autoavaliação, promove a sua apropriação do processo de aprendizagem. A análise dos dados, provenientes da observação e de entrevistas, sublinha a importância do feedback contínuo e da reflexão para que a criança tome consciência das suas capacidades e dificuldades, assumindo-se como protagonista na regulação do seu percurso educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Agência, Avaliação, Criança, Escuta, Jardim de Infância, Portefólio, Voz.

THE CHILD'S VOICE IN LEARNING ASSESSMENT: THE TRANSFORMATION OF THE ASSESSMENT PROCESS THROUGH ACTIVE LISTENING TO THE CHILD IN KINDERGARTEN

ABSTRACT: This chapter presents an in-depth analysis of the relevance of children's voice and agency in the assessment of their learning within the context of Early Childhood Education. Based on a qualitative-interpretive case study, the focus is on the evolution of assessment from a technical concept to a formative and participatory practice. The study demonstrates that actively involving the child in the assessment, particularly through the use of the portfolio as a "treasure" and a self-assessment tool, promotes their ownership of the learning process. Data analysis, derived from observation and interviews, underscores the importance of continuous feedback and reflection for the child to become aware of their abilities and difficulties, thus assuming a protagonist role in regulating their educational journey.

KEYWORDS: Agency, Assessment, Child, Early Childhood Education, Listening, Portfolio, Voice.

INTRODUÇÃO

A avaliação em Educação de Infância (EI) tem evoluído de uma prática meramente técnica e quantitativa para um processo formativo, contínuo e interpretativo, centrado na criança e na sua agência (Silva, 2012; Cardona, 2017; Fernandes, 2021; Cardona, Lopes da Silva, & Vasconcelos, 2021; Joaquim, 2023; Oliveira & Godinho, 2023). Este capítulo visa explorar como a integração da voz da criança transforma a avaliação num momento de aprendizagem e reflexão, essencial para o ajustamento contínuo das propostas educativas.

Neste capítulo, encontra-se uma investigação realizada no contexto de uma Prática Pedagógica (PP) do Mestrado em Educação Pré-Escolar de uma Instituição de Ensino Superior localizada no centro do país. A problemática do estudo prendeu-se com a escuta da voz da criança na avaliação em Educação de Infância, tendo-se como intenção compreender como integrá-la em momentos de planeamento num contexto de Jardim de Infância (JI).

A investigação subjacente procurou, especificamente, conhecer a perspetiva das crianças sobre serem escutadas em momentos de avaliação e perceber como podem participar na construção do seu portefólio, envolvendo-se na sua própria avaliação. A relevância desta problemática reside na necessidade de alinhar as práticas de avaliação com a visão da criança como sujeito de direitos e protagonista do seu desenvolvimento e aprendizagem, conforme preconizado em Portugal nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO: A AVALIAÇÃO COMO PRÁTICA PARTICIPATIVA

A Avaliação na Educação de Infância: Um Processo Formativo e Contínuo

A avaliação na Educação de Infância sempre foi pouco discutida e vista com desconfiança, muitas vezes associada à ideia de quantidade (Oliveira & Godinho, 2013). Hoje, é reconhecida como essencial no processo educativo. A avaliação é vista como um processo contínuo, rigoroso, credível e sistemático de pesquisa e reflexão, onde todos os envolvidos pensam criticamente sobre as intencionalidades, aprendem com as suas práticas e apreciam a qualidade da intervenção e dos resultados obtidos (Capucha, 2008; Parente, 2015; Joaquim, 2023). A avaliação é um instrumento crucial para observar a realização dos objetivos, avaliar os resultados produzidos e os processos que levaram a esses resultados (Capucha, 2008). Esta envolve práticas que analisam a criança durante a execução de tarefas, significativas para o seu desenvolvimento e aprendizagem (Oliveira & Godinho, 2023). No cerne, avaliar deriva do latim *valere* (dar valor) e isso deve ser feito de forma clara e consistente com os conteúdos e objetivos propostos (Silva, 2012; Batista & Ribeiro, 2017), qualitativa e com evidências.

A avaliação no JI evoluiu de um conceito técnico e quantitativo para uma prática essencial e formativa, cada vez mais focada na criança e na agência do seu processo educativo. De acordo com Silva (2012), Cardona (2017), Fernandes (2021) Cardona et al. (2021) e Joaquim (2023), avaliar é uma prática social que examina o processo de construção da aprendizagem da criança, com o objetivo de ajustar continuamente as propostas educacionais, sendo parte integrante da formação integral e contínua dos educadores. No JI a avaliação assume um caráter formativo, contínuo e interpretativo, focando-se mais nos processos de aprendizagem do que nos resultados. Esta perspetiva valoriza a participação ativa da criança na sua própria aprendizagem, sendo que esta é capaz de reconhecer as suas habilidades e identificar dificuldades para superá-las (Oliveira & Godinho, 2013; Cardona, 2017; Joaquim, 2023; Circular nº4/DGIGC/DSDC/2011).

No JI a avaliação é uma ferramenta para a aprendizagem, regulando e melhorando continuamente o processo educativo (Silva & Craveiro, 2014; Joaquim, 2023). Avaliar consiste em comparar cada criança consigo mesma para acompanhar a evolução da sua aprendizagem ao longo do tempo (Marchão & Fitas, 2014; Lopes da Silva et al., 2016). Esta deve abranger todos os aspetos do desenvolvimento e aprendizagem da criança e basear-se na identidade e nas características individuais de cada uma. O educador desempenha um papel fundamental como mediador, oferecendo uma

variedade de situações e experiências para promover o desenvolvimento holístico das crianças e desafiando-as para novas aprendizagens, reconhecendo as suas potencialidades, respeitando os seus limites e ritmos individuais, o que envolve da parte de quem avalia, uma consciência clara do seu papel e dos esforços que necessita de fazer para atingir as suas intenções e propósitos (Silva, 2012; Jesus & Germano, 2013).

A avaliação deve ser contínua, individualizada e interpretativa, envolvendo a criança no seu próprio processo de avaliação para desenvolver competências metacognitivas, sendo ela a protagonista da sua aprendizagem (Silva & Craveiro, 2014; Jesus & Germano, 2013; Oliveira & Godinho, 2013). Ao considerarmos a criança como um ser competente, é crucial reconhecer a sua participação e capacidade de decisão, especialmente no que diz respeito à avaliação do processo educativo (Marchão & Fitas, 2014). A avaliação permite que as crianças reflitam criticamente sobre si próprias identificando avanços e dificuldades, documentando, juntamente com o educador, as suas aprendizagens e auxiliando na toma de decisões para melhorar a qualidade educativa (Oliveira & Godinho, 2013; Batista & Ribeiro, 2017).

A autoavaliação desempenha um papel significativo na avaliação autêntica, incentivando a participação ativa das crianças e desenvolvendo atitudes críticas e responsáveis (Silva & Craveiro, 2014; Oliveira & Godinho, 2013).

A avaliação apela à reflexão das aprendizagens realizadas por parte das crianças ao invés de, simplesmente, questioná-las sobre se gostaram ou não do que fizeram. O processo de avaliação inclui a observação das crianças em diversos contextos, proporcionando diversas oportunidades para demonstrar as suas habilidades. Este processo visa fornecer informações personalizadas sobre o progresso individual (Marchão & Fitas, 2014). A avaliação é integrada no ciclo contínuo e repetitivo de planear, agir e avaliar, sendo essencial para regular e melhorar continuamente o processo educativo (Capucha, 2008; Ribeiro, 1990; Lopes da Silva et al., 2016; Cardona, 2017). Cardona (2017), Portugal e Laevers (2018), Cardona et al. (2021) e Joaquim (2023) destacam que a avaliação deve auxiliar a planificação, equilibrando o planeamento e a ação. Esta deve abranger todas as etapas do planeamento, mas de forma inversa. Enquanto o planeamento parte dos problemas para as finalidades, objetivos e atividades, a avaliação começa por analisar os efeitos das atividades realizadas, questionando a adequação dos modelos de gestão e execução, analisando a pertinência, coerência e prioridade dos objetivos, finalidades e problemas identificados (Capucha, 2008). A avaliação dos resultados só faz sentido quando integrada num planeamento que define intencionalidades, métodos, meios e materiais, assim como instrumentos de avaliação para verificar o seu sucesso (Ribeiro, 1990).

Em suma, a avaliação é fundamental para que a criança tome consciência das suas capacidades e dificuldades, a fim de encontrar estratégias para as superar e novos objetivos para alcançar (Oliveira et al., 2022; Oliveira, 2024). É importante verificar se os objetivos educacionais foram realizados, identificar o progresso da aprendizagem e analisar os aspetos positivos e negativos para ajustar o planeamento (Silva, 2012). Segundo Zabalza (2003) é crucial ter uma orientação clara e avaliar continuamente os progressos em direção aos objetivos definidos. A avaliação deve reconhecer a criança como protagonista do seu processo educativo, considerando esta como ser competente, capaz de decidir e desenvolver atitudes críticas e responsáveis referentes ao seu processo de aprendizagem. Para tal, existem vários instrumentos de auxílio à avaliação. A análise posterior aos registos permite realizar os ajustes necessários na atenção individualizada por parte do educador e na modificação das atividades do grupo, envolvendo a criança no seu próprio processo de avaliação.

Instrumentos de Avaliação e a Voz da Criança: Portefólio como “Tesouro” e Ferramenta de Reflexão

A avaliação é essencial para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e os educadores têm à sua disposição diversas ferramentas para torná-la mais eficaz. A circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 do Ministério da Educação, Silva (2012), Oliveira e Godinho (2013), Silva e Craveiro (2014) e Joaquim (2023) salientam a importância dos registos descritivos e narrativos focados na forma como a criança aprende, processa a informação e resolve problemas. Este processo é multifacetado e indissociável da observação, documentação e planeamento (Oliveira & Godinho, 2013). Joaquim (2023) e Cardona (2017) enfatizam a importância de estes compreenderem o nível de conhecimento das crianças e escolherem os instrumentos de avaliação mais adequados para cada grupo e cada criança, existindo múltiplas ferramentas para tal, devendo ser a avaliação parte integrante da formação inicial e contínua dos educadores.

Avaliar implica observar e intervir constantemente, (re)planeando a ação educativa para atender às necessidades das crianças, usando vários registos como suporte para documentar avanços, mudanças e descobertas (Silva, 2012; Oliveira-Formosinho & Pascal, 2019).

Entre os instrumentos de avaliação que os educadores podem utilizar, destacam-se a observação direta e a participação ativa das crianças (Joaquim, 2023). O autor menciona o uso frequente de diários de bordo e grelhas de observação como métodos eficazes. Estes instrumentos permitem-lhes recolher dados mais detalhados sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, criando uma avaliação precisa e individualizada.

Portugal e Laevers (2018) destacam a importância de registros e documentação sistematizados para a observação, reflexão, planificação, avaliação e apoio à prática educativa. Silva (2012) e Cardoso (2013) reforçam que os registros diários do educador, são fundamentais para conhecer o progresso das crianças e fornecer informações fundamentais para melhorar a prática. Parente (2014) afirma que a avaliação contínua e participativa revela experiências educativas, identificando conhecimentos, habilidades, atitudes e disposição para aprender. Outro instrumento fundamental é o relatório individual, que registra progressos, expectativas, mudanças e descobertas de cada criança, indicando áreas específicas para melhorar a aprendizagem (Silva, 2012).

Atualmente, o portfólio é altamente valorizado pela sua eficácia na avaliação contínua e adaptada ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças, evidenciando o seu progresso (Joaquim, 2023). Silva e Craveiro (2014) destacam que o portfólio permite às crianças ter voz e participar na avaliação da própria aprendizagem. Este é uma ferramenta inovadora da avaliação na educação de infância, que organiza e armazena atividades realizadas pelas crianças, demonstrando o seu processo de aprendizagem e resultados alcançados. Ele destaca o esforço, progresso e conquistas, permitindo ao educador acompanhar, compreender e avaliar o desenvolvimento da criança, através de desenhos, pinturas, recortes, entre outras evidências, documentando e interpretando a aprendizagem efetuada num determinado período (Oliveira, 2024; Silva, 2012). Segundo Silva e Craveiro (2014), o portfólio facilita “reviver” experiências e promove discussões sobre as aprendizagens, sendo uma construção participativa valorizada por crianças e pelas famílias (Marchão & Fitas, 2014; Oliveira & Godinho, 2013). Os autores mencionam que o educador atua como orientador, enquanto a criança é a protagonista, organizando a documentação com foco na evolução individual, no currículo e na partilha de informações. Este processo promove a reflexividade profissional através da análise interpretativa do conteúdo, sendo essencial para avaliar a criança ao longo da sua rotina diária, integrando-se no ciclo interativo de observar, planejar, agir e avaliar, permitindo ao educador tomar decisões sobre a prática e ajustá-la às características de cada criança e contexto (Lopes da Silva et al, 2016). Embora a sua organização exija empenho, o portfólio é de fácil consulta e ajuda na criação de ambientes educativos que promovem aprendizagens autónomas e significativas, permitindo às crianças aprender a aprender e a abordar a avaliação de forma crítica (Marchão & Fitas, 2014).

Segundo Parente (2014), Shores e Grace (2001) e Gomes e Dias (2020), o portfólio cria um ambiente propício para aprendizagens significativas, incentiva a autoavaliação e permite que as crianças decidam o que incluir no mesmo. Adotar esta solução pedagógica facilita uma avaliação apropriada e coerente, promove o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, e proporciona uma educação de qualidade (Marchão & Fitas, 2014).

Os instrumentos de avaliação, como observação direta, grelhas de observação e portefólios, são fundamentais para compreender o desenvolvimento e aprendizagem da criança de forma abrangente. Cada instrumento oferece uma perspectiva única e complementar, permitindo aos educadores acompanhar o progresso das crianças e ajustar a sua intervenção educativa conforme necessário. Estes instrumentos promovem uma avaliação contínua e reflexiva, essencial para uma EI de qualidade que valoriza a criança.

OPÇÕES METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO

A metodologia de investigação consiste numa descrição minuciosa e detalhada de todas as etapas seguidas durante o desenvolvimento do estudo, incluindo o tipo de pesquisa, ferramentas e técnicas utilizadas, duração do estudo, equipa envolvida e métodos de análise dos dados (Vilelas, 2022). Segundo Gonçalves et al. (2021), é crucial que o investigador estabeleça uma metodologia clara e objetiva, aplicando procedimentos rigorosos para garantir a precisão e minimizar distorções nos resultados obtidos.

Desta forma, a investigação é de natureza qualitativa-interpretativa. É descritiva através de observação, registo e interpretação. Apresenta uma realidade subjetiva em que o investigador compreende o objeto de investigação, interagindo no contexto, num processo multifacetado e indutivo.

Em suma, este estudo de caso insere-se num paradigma interpretativo, em que os dados serão recolhidos através de inúmeras técnicas e instrumentos explicitados posteriormente, também pela possibilidade de triangulação de dados advindos de fontes distintas.

É de realçar que neste estudo foram rigorosamente cumpridos todos os procedimentos éticos, assegurando a confidencialidade dos participantes.

Estudo de Caso

O estudo de caso, segundo Coutinho (2023), integra a capacidade de explorar uma diversidade de questões sociais e a compreensão profunda de fenómenos a investigar. Esta abordagem, conforme indicado por Vilelas (2022), requer uma intencionalidade por parte dos investigadores para compreender detalhadamente o objeto de estudo. A colaboração entre o investigador e os participantes, realçada por Gonçalves et al. (2021), é uma característica distintiva desse método, permitindo uma análise mais abrangente e detalhada do contexto específico em questão. No nosso estudo, essa colaboração possibilitou aos participantes compartilharem as suas experiências e perspetivas, contribuindo para uma compreensão mais rica da participação das crianças no processo de avaliação do seu processo educativo.

Investigação Qualitativa-Interpretativa

Os estudos qualitativos, segundo Vilelas (2022) baseiam-se na interação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, enfatizando a compreensão dos fenômenos dentro do contexto em que ocorrem. Nesse tipo de pesquisa, o investigador recolhe dados, prioriza ambientes naturais e adota uma abordagem interpretativa. A metodologia do estudo de caso, descrita por Coutinho (2023), é frequentemente utilizada, sendo uma abordagem descritiva e interpretativa que procura compreender os acontecimentos diários e os significados atribuídos aos mesmos, através de observações e questionamento. Essa abordagem é construída por meio da interação e interpretação, permitindo uma compreensão mais profunda dos acontecimentos.

Problemática e Objetivos da Investigação

A problemática deste estudo é complexa e pode traduzir-se na seguinte questão de investigação: “Como poderão crianças de 5 e 6 anos de idade ter voz na avaliação em contexto de jardim de infância?”.

Estabelecer objetivos claros e bem definidos é essencial para garantir que as questões de pesquisa sejam respondidas de forma eficaz. Os objetivos podem determinar os resultados da investigação, representando as intenções do investigador. Vilelas (2022) reforça a importância dos objetivos ao afirmar que estes devem ser delineados para responder às questões do investigador. A definição dos objetivos determina o que se deseja alcançar com a realização do trabalho.

Desta forma, os objetivos delineados para este estudo são:

- Conhecer o papel das crianças nos momentos de avaliação no jardim de infância;
- Compreender qual o papel da educadora e como gere a participação das crianças na avaliação;
- Conhecer as conceções de educadoras de infância relativamente à voz e agência de crianças em momentos de avaliação;
- Conhecer a perspetiva de crianças relativamente a serem escutadas em momentos de avaliação;
- Refletir como é que as crianças podem participar na construção do seu portefólio e envolver-se na sua própria avaliação.

Contexto e Participantes no Estudo

O estudo foi realizado num Jardim de Infância de Leiria, situado na periferia do concelho. Trata-se de uma instituição da rede pública, dirigida a crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade. A diversidade etária das

crianças possibilitou uma compreensão abrangente das práticas educativas adotadas, enquanto foram conduzidas observações detalhadas com todo o grupo e entrevistas realizadas a algumas crianças relativamente à sua participação na avaliação. Visto ser um estudo sobre a voz das crianças, fez sentido questionar quem queria participar na entrevista de grupo, acabando por esta ser somente realizada com 12 crianças (7 meninas e 5 meninos); a outra entrevista foi desenvolvida com uma criança específica sobre a construção do portefólio. Toda a investigação envolveu um grupo composto, no total, por 18 crianças (11 meninas e 7 meninos) com diversidade cultural e diferentes nacionalidades. O grupo mostrava interesse em brincadeiras de faz-de-conta, raciocínio, ciências, carros, animais e atividades ao ar livre.

Foram também entrevistadas duas educadoras cooperantes para compreender as suas perspetivas sobre a participação e agência das crianças na EPE. Sendo educadoras de infância cooperantes, profissionais que acolhem e acompanham as estudantes no seu contexto de formação inicial e no decorrer da Prática Pedagógica, estas tornam-se modelos de orientação e referências para o percurso profissional das mesmas. Assim, uma das educadoras selecionadas para o estudo, trabalha há um ano na instituição onde esta investigação foi desenvolvida, sendo educadora há 19 anos. Esta, tendo-se mudado recentemente para um Jardim de Infância da rede pública, estava muito conectada com a formação académica de novos educadores de infância, o que permitia uma perspetiva mais recente quanto à problemática. Por sua vez, a outra educadora selecionada para participar na investigação, trabalhava numa instituição na periferia de Leiria, exercendo a profissão há 21 anos, na rede privada. Esta educadora, por sua vez, tendo tido uma formação diferente da outra educadora, trouxe diferentes experiências profissionais ao estudo, permitindo-nos observar melhor a evolução do papel da criança no processo educativo, e também a consciencialização do mesmo na formação inicial de profissionais de educação de infância, possibilitando dados muito interessantes e fundamentados.

Técnicas e Instrumentos de Recolha e Análise de Dados

A escolha das técnicas e dos instrumentos de recolha de dados deve alinhar-se com os objetivos da pesquisa (Vilelas, 2022). No estudo de caso são utilizados técnicas e instrumentos de recolha de dados como a observação, as entrevistas, os registos de observações, os documentos pessoais, as fotografias e as conversas informais (Coutinho, 2023). Nesta investigação, os dados foram recolhidos por meio de observação participante, grelhas de observação, registos audiovisuais, a construção de um portefólio de uma criança e, também, de entrevistas a duas educadoras cooperantes e ao grupo de crianças em estudo.

Entrevistas às crianças e educadoras

No estudo de caso, a entrevista desempenha um papel fundamental, permitindo ao investigador compreender como os participantes interpretam as suas próprias experiências (Coutinho, 2023). É uma técnica de interação pessoal que visa recolher informações detalhadas sobre pensamentos, experiências e sentimentos, obtendo informações relevantes para o estudo por meio de uma interação social planeada entre o investigador e o entrevistado (Gonçalves et al, 2021; Vilelas, 2022; Coutinho, 2023). As entrevistas contêm questões semiestruturadas, que combinam elementos mistos [perguntas abertas e fechadas] (Coutinho, 2023; Gonçalves et al, 2021). É importante destacar que as entrevistas com as educadoras e as crianças seguiram abordagens distintas, embora baseadas nos mesmos tópicos.

Observação

A observação é um método crucial para recolher dados na EI, permitindo identificar problemas e fornecer à criança um *feedback* personalizado. Este método permite estudar comportamentos e interações no ambiente natural, sem interferências (Gonçalves et al, 2021). Listas e grelhas de observação são ferramentas eficazes para recolher informação, sendo úteis para registar as ações das crianças de forma sistemática (Cosme et al, 2023).

A observação qualitativa envolve a presença constante do observador no ambiente natural para uma compreensão profunda do fenómeno estudado, podendo este tornar-se participante ativo (Coutinho, 2023; Vilelas, 2022). A observação participante permite ao investigador integrar-se no grupo e compreender a sua vida a partir do seu interior (Gonçalves et al, 2021). Vilelas (2022) destaca que esta abordagem facilita uma interpretação mais precisa das ações e comportamentos do grupo no seu contexto natural. Nesta investigação a observação foi feita ao longo de toda a prática pedagógica e envolveu na totalidade 18 crianças. Esta observação foi efetuada nos diversos momentos da rotina, de forma a obter dados reais.

Registo visual

Os investigadores utilizam habitualmente a fotografia como uma fonte valiosa de dados para a sua investigação, uma vez que esta pode conter informações úteis para o estudo em questão (Gonçalves et al, 2021). “Da mesma forma que qualquer outro documento recolhido no âmbito da investigação, as fotografias, captadas pelo investigador ou encontradas em arquivo, mostram e escondem informação. E até a informação que escondem pode traduzir-se em dados...” (Gonçalves et al, 2021, p. 220). Neste estudo, a fotografia permitiu captar vivências da Joana (nome fictício), momentos esses que evidenciaram o seu desenvolvimento e as aprendizagens que foi fazendo ao longo de um período de tempo.

Grelhas de Observação

No estudo de caso, o uso de diários de bordo, notas de campo e grelhas de observação é fundamental para registrar sistematicamente as observações de campo. Esses instrumentos são essenciais para a recolha de dados e servem como ferramentas de apoio ao investigador, permitindo reflexões e anotações pessoais que facilitam a análise dos dados e a identificação de padrões relevantes (Coutinho, 2023). Nesta investigação foram utilizadas grelhas de observação descritivas para analisar e interpretar as situações.

Análise de Conteúdo

Após a recolha, os dados foram alvo de análise com recurso à técnica de análise de conteúdo, um procedimento metodológico que visa compreender profundamente os dados para responder aos objetivos da investigação. A análise de conteúdo é essencial nas investigações sociais, pois aborda a subjetividade e reconhece a interação entre o investigador, o objeto de pesquisa e o contexto. Esta envolve a condensação de um grande volume de dados em elementos concisos, facilitando a sua manipulação e interpretação. A análise de conteúdo deve ser homogênea, exaustiva, exclusiva, objetiva e pertinente (Bardin, 2000).

O processo de análise começou após a transcrições das entrevistas, que permitiu primeiramente identificar temas e categorias e, posteriormente, comparar com outros documentos escritos incluídos na análise. Por fim, procedeu-se à triangulação dos dados o que permitiu uma análise mais aprofundada e significativa, alinhada com os objetivos do estudo.

ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A VOZ DA CRIANÇA NA AVALIAÇÃO

A investigação demonstrou que a voz da criança é um elemento transformador no processo de avaliação, promovendo a sua agência e autonomia.

A Voz da Criança que Avalia na Perspetiva dela Própria

Segundo Parente (2014), “a avaliação é uma componente essencial do processo educacional” (p. 1). A avaliação pode ser entendida como um processo sistemático de investigação, questionamento e reflexão, através do qual as pessoas envolvidas aprendem com as atividades realizadas e avaliam tanto a qualidade da intervenção, quanto os resultados alcançados (Capucha, 2008). Embora não exista um momento definido para uma reflexão diária coletiva, as crianças demonstram ter diversos momentos de reflexão, quer individuais, quer em conjunto com a educadora, que

os estimula ao longo do dia e das atividades realizadas. Este constante estímulo por parte da educadora ajuda as crianças a refletirem sobre as suas ações, decisões, pontos positivos e pontos a melhorar.

Um dos exemplos mencionados por algumas crianças foi relativamente aos desenhos, sendo que uma delas afirma que sempre que termina uma das suas obras e reflete sobre ela, encontra mudanças que gostaria de fazer, sendo-lhe, igualmente, dado o *feedback* por parte da educadora. O Daniel refere que *"o melhor que eu pintar, no outro desenho vou fazer o mesmo"* (E3: Daniel), ou seja, *"o melhor no outro desenho é igual ao outro"* (E3: Daniel), o que quer dizer que usa as qualidades bem conseguidas nos desenhos anteriores para melhorar os próximos, *"eu penso no que queria fazer melhor nos desenhos"* (E3: Daniel). O grupo de crianças relata que os momentos de reflexão ocorrem principalmente durante as atividades, especialmente na área dos desenhos, revelando ser este um dos seus interesses. Durante essas atividades, as crianças são incentivadas a pensar sobre o que fazem, a melhorar e a partilhar as suas reflexões.

Assim sendo, as crianças referem que recebem estímulos constantes da educadora, como por exemplo melhorar os *"espacinhos brancos"* (E3: Bernardo) nos seus desenhos, assim como *"falar mais baixo"* (E3: Bernardo). Contudo, também indica outros *feedbacks*, visto que *"diz que sou meiguinho com os outros e muito interessado"* (E3: Bernardo). As crianças refletem também sobre aspetos comportamentais e sociais, destacando a importância do *feedback* constante da educadora sobre o saber estar e agir. Este apoio é essencial para que saibam o que é esperado que elas alcancem, permitindo-lhes autoavaliar-se e desenvolver estratégias de melhoria.

Outras crianças também abordam, por exemplo, a necessidade de *"melhorar a fazer silêncio e a sentar-me bem"* (E3: Glória), enquanto o Daniel reconhece que precisa de se lembrar de *"fazer o cabelo e o nome nos desenhos"* (E3: Daniel). O Tiago indica que *"tenho que melhorar as birras"* (E3: Tiago), mas refere que tem melhorado significativamente. Durante a entrevista a educadora revela apontar o que as crianças devem melhorar, mas também o que elas já melhoraram, dando força e autoestima para continuar esse processo, fazendo com que as crianças se sintam felizes do seu progresso e valorizadas. Já a Marta ao lhe ser dito que *"não podemos ralar com os outros"* (E3: Marta), considera que melhorou e conseguiu arranjar a sua própria estratégia: *"eu dou carinho"* (E3: Marta) e se acontecer algo que ela não goste, *"falar com o amigo"* (E3: Marta) e se não resultar, *"falar à Fernanda ou à Jéssica ou à Mariana"* (E3: Marta). Este *feedback* ajuda as crianças a perceberem o que precisam de melhorar e motiva-as a continuar o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

No que se refere ao portfólio, uma das técnicas utilizadas para a avaliação, as crianças chamam-no de “*o nosso tesouro*” (E3: Crianças Geral). Elas sabem que o portfólio serve para integrar as “*fichas, os desenhos e os nossos trabalhos*” (E3: Bernardo), sendo elas que escolhem o que colocar lá. Este processo de escolha promove a reflexão, o diálogo com a educadora, que os faz ponderar, partilhar e se envolverem no processo de avaliação e desenvolvimento do seu progresso. Através destas práticas, as crianças sentem-se valorizadas e orgulhosas dos seus portfólios, mostrando grande apreço e querendo partilhá-lo. Através da entrevista, sabemos que os pais têm acesso ao portfólio sempre que vão à escola. Silva (2012) destaca que o portfólio é uma ferramenta valiosa para fortalecer a parceria entre família e jardim de infância, incentivando os pais a participar ativamente na vida educativa da criança. Acima de tudo, o portfólio dá visibilidade à voz da criança, às suas ideias, às suas aprendizagens, ao seu percurso, às suas descobertas e às suas conquistas, tornando-se uma ferramenta valiosa.

Em suma, as crianças demonstram que a reflexão e o *feedback* são essenciais para o seu desenvolvimento, reconhecendo os objetivos que lhes são propostos, mostrando capacidade de autoavaliação, o que as ajuda a progredir e a sentirem-se motivadas e valorizadas, tendo o portfólio como um dos auxiliares para os seus progressos.

A Voz da Criança que Avalia na Perspetiva das Educadoras

A educadora Manuela enfatiza a importância de envolver a criança no processo de avaliação, destacando a importância do uso dos portfólios e da reflexão conjunta sobre o dia, como formas de incluir as suas vozes neste processo avaliativo. Segundo ela, “*como temos o portfólio e construímos o portfólio com os miúdos, é como se fosse a voz das crianças que está lá na avaliação*” (E1: Ed. Manuela). Shores e Grace (2001) também defendem que “o objetivo máximo da avaliação com portfólio é encorajar o ensino centrado na criança” (p. 21). Manuela descreve os portfólios como uma ferramenta que reflete a voz, o progresso e o envolvimento da criança, servindo como complemento à avaliação formal e garantindo que as vivências não sejam esquecidas.

A Recomendação n.º 2/2021 de 14 de julho destaca a importância da voz das crianças nos processos de avaliação. A educadora Manuela mostra alguma relutância em envolver diretamente as crianças na avaliação formal, considerando que “*(...) é um facto que se calhar acontece mais ser o educador a avaliar (...) eu nunca fiz em parceria com as crianças... não sei se isso seria bem aceite. Acho que não*” (E1: Ed. Manuela). Contudo, promove momentos de reflexão diária onde as crianças avaliam o seu próprio dia com um código, incentivando a autorreflexão e

identificação de aspectos positivos e negativos. Esta prática sugere uma abordagem participativa na avaliação, alinhada com as OCEPE (Lopes da Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016), que valorizam a documentação do processo em vez da atribuição de valores. Fernanda enfatiza a importância de uma avaliação centrada na voz das crianças, sendo estas participantes ativas do processo, visto que *“o processo de avaliação deve ser realizado principalmente com a criança”* (E2: Ed. Fernanda). Ela destaca a necessidade de *feedback* contínuo para que as crianças compreendam as suas qualidades, dificuldades e formas de melhoria, *“(...) porque se eu não tenho noção de onde é que eu estou e onde é que eu posso chegar, muito mais difícil eu vou conseguir lá chegar”* (E2: Ed. Fernanda). Fernanda afirma que esse *feedback* *“(...) faz com que a criança se aproprie da própria aprendizagem, desse processo, e que queira atingir esse objetivo”* (E2: Ed. Fernanda). Ambas as educadoras sublinham a importância de envolver as crianças no processo de avaliação, permitindo-lhes refletir sobre o seu progresso e contribuírem ativamente para o seu desenvolvimento educacional. Conforme a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, Parente (2014), Cardona et al. (2021) e Oliveira-Formosinho (2002), os processos de avaliação devem ter em conta a idade, as características, a integração e articulação do currículo, a voz das crianças e o seu desenvolvimento e aprendizagem. Esta circular, juntamente com as OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016), possibilitam a identificação das competências e aprendizagens que se espera que as crianças desenvolvam.

Fernanda deixa um conselho para futuros profissionais na área da educação: *“(...) sermos sempre humildes, percebemos que estamos sempre a aprender e que é um caminho que, quando se faz com gosto e quando se gosta, é um desafio, às vezes difícil, mas é sempre um caminho feliz”* (E2: Ed. Fernanda). Ela reconhece a necessidade de adaptação constante e aprendizagem contínua na prática profissional, demonstrando modéstia e abertura a novas abordagens, pois, tal como Kowalsky e Lopes (2022) indicam, *“(...) ser capaz de mobilizar e construir saberes diversificados nas situações de aprendizagem, na ação educativa, será um caminho no desenvolvimento de competências não só das crianças como do educador que as acompanha”* (p. 10).

Evidências da Voz da Criança na Avaliação: A Voz da Joana na Construção do Portefólio

A construção do portefólio, embora morosa, foi um processo enriquecedor e complexo. Descrito por Shores e Grace (2001) como uma compilação que revela o crescimento, desenvolvimento e a aprendizagem da criança ao longo do tempo, este processo envolveu várias etapas. Após selecionar uma criança aleatoriamente, questionámo-la sobre o seu interesse em participar. A mesma aceitou. Inicialmente, houve uma fase de pesquisa e estudo, onde foram identificados os conhecimentos prévios da criança. Posteriormente à construção do seu portefólio foi-lhe realizada uma entrevista.

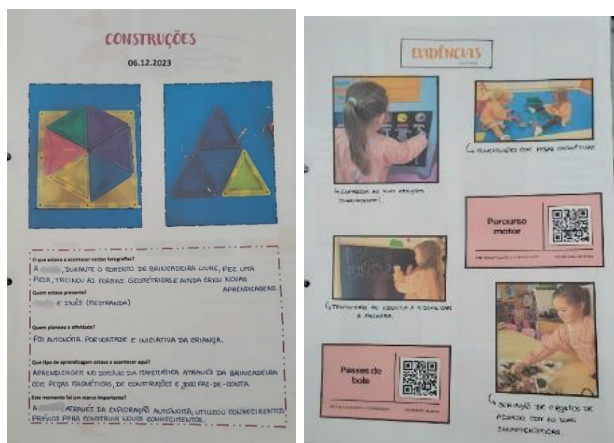


Figura 1 e 2 - Evidências Audiovisuais no Portefólio

O processo iniciou-se pela explicação do conceito de portefólio à criança e à sua família, destacando a sua importância no registo, tendo como objetivo *"guardar os nossos tesouros (...) São coisas que eu aprendo, que eu sei e que eu faço (...) Tenho lá os meus desenhos e os meus trabalhos"* (E3: Joana). Durante várias semanas, foram recolhidas evidências significativas do desenvolvimento e aprendizagem da criança, utilizando registos de atividades realizadas, tais como *"as folhas com os meus projetos (...) Os canários"* (E3: Joana) e registos visuais, devidamente datados. Estes registos foram apresentados à criança, durante diálogos individuais, anotando-se, por escrito, as suas perspetivas e opiniões, tais como *"o que eu sabia e o que aprendi"* (E3: Joana), o que evidenciou o seu forte envolvimento na construção do portefólio, proporcionando uma visão mais completa e autêntica do seu envolvimento nas atividades. Estes registos serviram como evidências essenciais, permitindo capturar momentos significativos de aprendizagem e interação da criança, contribuindo para uma avaliação mais fundamentada e coerente do seu progresso ao longo do tempo. A responsabilidade do educador, em colaboração com a criança, foi organizar e destacar informações relevantes para todos os envolvidos (Gomes & Dias, 2020).

Para criar um portefólio ainda mais pessoal, criámos uma autobiografia da criança, incluindo as suas características, interesses, objetivos e desejos. A família contribuiu com o preenchimento de um questionário para se alinharem as suas perspetivas com as da criança e do educador. O portefólio incluiu um separador exclusivo para as evidências da criança, como as atividades mais importantes, trabalhos selecionados pela mesma ou pela investigadora, e registos fotográficos e audiovisuais, conforme recomendado por Shores e Grace (2001) e Cardona et al. (2021). Os autores avançam, ainda, que a fotografia é um método eficaz para documentar e comunicar

a aprendizagem das crianças, auxiliando-as a lembrar o que realizaram e permitindo aos educadores relatar atividades aos pais. Além disso, preserva evidências de projetos, como atividades em grupo ou trabalhos tridimensionais, que não podem ser arquivados nos portfólios.

As evidências do portfólio incluem diversos registros escritos divididos em quatro categorias: (1) registros onde a criança verbaliza as suas concepções anteriores, aprendizagens adquiridas e como as obteve, transcrevendo-as integralmente; (2) registros da investigadora contextualizando a atividade, detalhando a escolha e a área de conteúdo trabalhada. Shores e Grace (2001) indicam que os comentários por parte da educadora são essenciais para manter registros completos; (3) segundo registro da criança, onde ela reflete sobre o que fez, como fez, as suas preferências e mudanças desejadas, promovendo a autoavaliação. A criança reforça que *"tinha a dizer o que tinha feito e (...) como eu fiz o desenho no papel (...) o que eu usava (...) como eu fiz (...) e também tinha o que eu queria melhorar (...)"* (E3: Joana); (4) registros da família, comentando os trabalhos e evolução da criança. A participação ativa da família foi fundamental para estreitar a conexão entre escola e casa, proporcionando uma compreensão mais profunda da criança. Shores e Grace (2001) enfatizam a importância de envolver os pais em cada etapa da construção do portfólio, destacando que uma avaliação eficaz da criança depende desse envolvimento genuíno e abrangente.

O separador seguinte aborda os tesouros da criança, mais propriamente *"os meus desenhos que eu mais gosto"* (E3: Joana). Estes também incluem dois tipos de registro, incentivando a uma constante autoavaliação, visto que a criança revela que, em alguns trabalhos, *"eu queria fazer diferente (...) Fazia diferente algumas coisas"* (E3: Joana). Gomes e Dias (2020) afirmam que *"no portfólio da criança podem ser integradas as produções das crianças e/ou os comentários e as interpretações do educador"* (p. 281), destacando a importância de documentar o motivo das escolhas da criança (Shores & Grace, 2001). No final, a participação da família é novamente destacada, incluindo tesouros vividos na escola e em casa, tornando o portfólio mais pessoal e significativo para a criança e para os familiares.

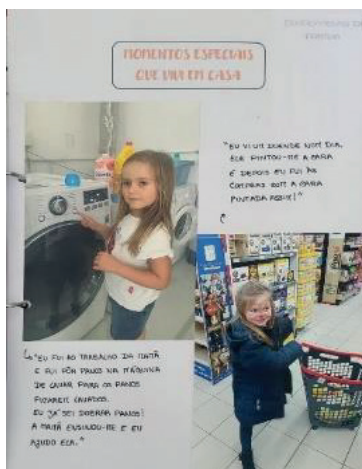


Figura 3 - Momentos partilhados pelos pais de momentos vividos em família

O portefólio inclui um separador dedicado à avaliação, com páginas das OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016) para que a família compreenda a abordagem educativa e os objetivos definidos para a criança. O plano de desenvolvimento individual, elaborado com a educadora, delineia objetivos específicos divididos por áreas de conteúdo e domínios, com espaços para observações. Grelhas de observações e notas de campo foram usadas para registar evidências complexas e auxiliar na avaliação final do período, sofrendo mudanças e ajustando-se ao longo do tempo. Esses instrumentos são valiosos para a avaliação e registo das habilidades da criança (Shores & Grace, 2001). As autoras referem que, nos registos contínuos, o educador anota cada ação da criança ao longo de um período, como por exemplo, 10 minutos. A criança participou na sua própria autoavaliação, promovendo uma maior consciência, responsabilidade e reflexão crítica sobre a sua aprendizagem e as suas ações, indicando que “(...) *tu uma vez deixaste-me fazer as perninhas e os braços que eu esqueci-me. Ficou melhor*” (E3: Joana).

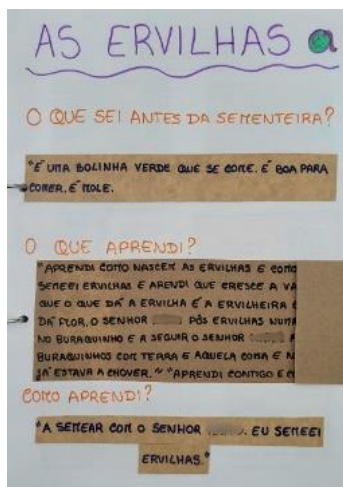


Figura 4 - Exemplo de registro de aprendizagem

De acordo com Shores e Grace (2001), "uma vez que as crianças estiverem familiarizadas com os procedimentos para comentar um tipo de amostra de trabalho no portefólio de aprendizagem, você pode começar a transferir essa responsabilidade para elas" (p. 96). Assim, existe um espaço para a autoavaliação sobre diversos aspetos, permitindo que a criança assuma responsabilidade pela sua aprendizagem e reflita sobre o seu progresso, desenvolvendo, ações e conquistas. No último separador, escolhem-se os projetos mais significativos desenvolvidos durante a PP.

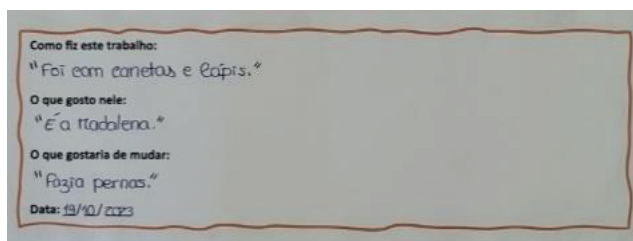


Figura 5 - Registro da reflexão da criança relativo a um dos seus trabalhos

Em suma, a criança desenvolveu uma forte ligação com o portefólio, demonstrando apropriação do seu processo de aprendizagem e crescimento e afirmando que *"ele está muito lindo (...) São as minhas [ideias] e as tuas. Estão juntinhas"* (E3: Joana). A construção deste foi um processo dinâmico e colaborativo, envolvendo diversas etapas para garantir uma representação fiel do seu percurso. A criança considerou-se

escutada em todo o processo, *"tu ouves e escreves lá"* (E3: Joana). *"Abrir um portefólio bem-feito é como abrir uma arca do tesouro"* (Shores & Grace, 2001, p. 45). A criança exprimiu vontade de mostrar também à família, *"porque é muito bom e bonito"* (E3: Joana). A integração dos conhecimentos prévios, a participação da criança e o uso de diferentes tipos de registo, foram elementos-chave para o sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração da voz e agência da criança na avaliação é um pilar da EI contemporânea. A avaliação, quando participativa, transcende a mera verificação de resultados, tornando-se um poderoso motor de autorregulação e empoderamento da criança. A valorização da voz das crianças traz perspectivas únicas sobre o seu próprio processo de aprendizagem. As crianças podem participar ativamente na avaliação através de métodos que permitem a autoavaliação e a reflexão sobre as suas aprendizagens.

As educadoras deste estudo compartilharam as suas práticas e visões sobre a participação das crianças na avaliação, destacando que esta deve ser realizada pela criança, ressaltando a importância de um *feedback* contínuo para que estas compreendam as suas qualidades, dificuldades e formas de melhoria. A educadora Manuela enfatizou ainda o portefólio como estratégia de avaliação, que envolve fortemente a voz da criança. Esta ferramenta, junto com documentações pedagógicas, grelhas de observação, registos do que as crianças verbalizam e registos audiovisuais, tornaram visíveis as aprendizagens e progressos das mesmas.

A utilização do portefólio como instrumento de avaliação foi, assim, um desafio notável, trazendo realização e gratificação ao proporcionar uma experiência singular, caracterizada pelo esforço conjunto de envolvimento ativo no seu processo de construção.

O uso de portefólios é uma prática com relevância na medida em que permite que as crianças organizem os seus trabalhos, refletindo sobre o seu progresso ao longo do tempo. A Joana expressou que o portefólio guarda os seus tesouros e aprendizagens. Este incentiva as crianças a refletirem sobre as suas conquistas e a identificarem áreas de melhoria.

A criação do portefólio envolveu a criança num processo de autoavaliação e reflexão constante, promovendo maior responsabilidade e reflexão crítica sobre as suas ações, levando a melhorias perceptíveis no trabalho realizado. As vozes das crianças evidenciaram a importância do envolvimento ativo no processo de avaliação. A Joana afirmou que o portefólio guarda as coisas que ela aprende e que faz.

É crucial considerar que a avaliação deve-se pautar pelas aprendizagens mas, acima de tudo, deve orientar-se pela evolução e progressão da criança como ser único e individual. O recurso à documentação e o uso de instrumentos como grelhas de observação, notas de campo e recolha de evidências visuais e escritas é essencial para conduzir uma avaliação detalhada e precisa.

A triangulação das vozes das educadoras, das crianças, do portefólio e das evidências recolhidas demonstrou que a avaliação participativa promove um ambiente educacional mais inclusivo e centrado na criança e nas suas relações, tornando-se um ciclo interdependente para que o progresso seja significativo.

As educadoras afirmaram que o uso de portefólios, o *feedback* constante e a prática de reflexões diárias ajudaram as crianças a entender melhor as suas aprendizagens e a desenvolver uma maior responsabilidade sobre o seu progresso, promovendo uma prática na qual exista lugar para a escuta das crianças em todos os momentos do dia.

A avaliação participativa exige uma mudança de paradigma, onde o educador assume-se um mediador e um facilitador, capaz de integrar a voz da criança no processo. A criança, ao ser envolvida na avaliação, torna-se um agente ativo na regulação da sua própria aprendizagem, desenvolvendo deste modo competências essenciais para o seu sucesso educativo e na vida adulta.

REFERÊNCIAS

- Batista, C. M. L. & Ribeiro, J. S. M. (2017). **A avaliação no processo ensino aprendizagem na educação infantil e no ensino fundamental**. Revista eletrônica Científica Inovação e Tecnologia, 8(15), 1-25. <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/4761/pdf>
- Capucha, L. M. A. (2008). **Planeamento e avaliação de projectos: Guião prático**. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Cardona, M. J. (2017). **Planear e avaliar na educação pré-escolar: a realidade portuguesa das últimas décadas**. Revista Linhas, 18(38), 143-159. <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1984723818382017143/pdf/35475>
- Cardona, M. J., Silva, I. L., Marques, L. & Rodrigues, P. (2021). **Planear e avaliar na educação pré-escolar**. Ministério da Educação/ Direcção-Geral da Educação (DGE). <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/planearavaliar.pdf>
- Cardoso, G. (2013). **Avaliação em contextos socioconstrutivistas**. In M. Oliveira & A. S. Godinho (Eds.), Práticas pedagógicas em contextos de participação e criatividade (pp. 81-94). Folhetos Edições & Design/ Centro de Investigação Identidades e Diversidades.

Circular n.º4 /DGIDC/DSDC/2011 do Ministério da Educação (2011). **Avaliação na Educação Pré-Escolar**. Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/circularavaliacaoepedocumentofinal.pdf>

Cosme, A., Ferreira, D., Sousa, A., Lima, L. & Barros, M. (2023). **Avaliação das aprendizagens: Propostas e estratégias de ação**. Porto Editora.

Coutinho, C. P. (2023). **Metodologias de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática** (2.ª Ed.). Edições Almedina, S. A.

Fernandes, D. (2021). **Avaliação formativa**. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação. https://afc.dge.mec.pt/sites/default/files/2021-04/Folha1_Avaliac%CC%A7a%CC%83o_Formativa.pdf

Gomes, R. S. R. & Dias, I. S. (2020). **O portefólio como ferramenta de avaliação na educação pré-escolar: Uma experiência formativa**. In H. Pinto, M. Dias, M. Abreu, D. Alves & R. Gillain (Eds.), *Investigação, práticas e contextos em educação* (pp. 280-283). Politécnico de Leiria (ESECs). https://www.researchgate.net/profile/Micael-Sousa/publication/359903855_Atividades_de_Enriquecimento_Curricular_com_Jogos_de_Tabuleiro_Modernos_em_Leiria/links/6255b0f1b0cee02d6966d062/Atividades-de-Enriquecimento-Curricular-com-Jogos-de-Tabuleiro-Modernos-em-Leiria.pdf#page=280

Gonçalves, S. P., Gonçalves, J. P. & Marques, C. G. (2021). **Manual de investigação qualitativa: Conceção, análise e aplicações**. Pactor.

Jesus, D. A. D. & Germano, J. (2013). **A importância do planeamento e da rotina na educação infantil**. Universidade Estadual de Londrina, 1(1), 29-40.

Joaquim, M. H. N. (2023). **A avaliação das aprendizagens na educação pré-escolar** [Dissertação de Mestrado, Instituto Piaget]. Rcaap. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/45814/1/Maria%20Helena%20Joaquim.pdf>

Kowalski, I. & Lopes, M. S. P. (2022). **Prefácio**. In M. Oliveira, A. P. Proença, H. Menino, J. Amoroso, M. J. Gamboa, R. Leal & S. Reis (Eds.), *Didáticas no Jardim de Infância: Propostas de integração curricular na formação de educadores* (pp. 10-11). Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria (ESECs).

Lopes da Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). **Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar**. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.

Marchão, A. J. G. & Fitas, A. C. P. (2014). **A avaliação da aprendizagem na educação pré-escolar: O portefólio da criança**. Revista Iberoamericana de Educación, 64(1), 27-41.

Oliveira, M. & Godinho, A. S. (2013). **Práticas pedagógicas em contextos de participação e criatividade**. Folheto Edições & Design/ Politécnico de Leiria (IPL).

Oliveira, M., Rodrigues, M. & Milhano, S. (2021). **Diálogos sobre educação de infância: Cruzar olhares entre a formação e o chão de escola**. Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI)/ Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS).

Oliveira, M., Rodrigues, M. & Milhano, S. (2022). **A voz e a agência da Criança: abordagem de projeto na formação de educadores de infância**. Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI)/ Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS).

Oliveira, M. (2024). **Documentar e avaliar o quotidiano e a aprendizagem da criança: investigando a prática na formação de educadores de infância**. Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI)/ Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS).

Oliveira-Formosinho, J. & Pascal, C. (2019). **De documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: Um caminho para a transformação**. Penso.

Parente (2014). **Avaliação na educação de infância: Itinerários de uma viagem de educadores de infância na formação inicial**. Interações, 1(32), 168-182.

Parente, C. (2015). **Avaliação na educação de infância: Construindo portefólios de aprendizagem**. Instituto de Educação – Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/53608/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Inf%C3%A2ncia%20-%20Construindo%20Portefolios%20de%20Aprendizagem.pdf>

Portugal, G. & Laevers, F. (2018). **Avaliação em educação pré-escolar: Sistema de acompanhamento das crianças** (2.ª Ed.). Porto Editora.

Recomendação n.º 2/2021 do Conselho Nacional de Educação (2021). Diário da República: II série, n.º 135. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/recomendacao/2-2021-167281062>

Ribeiro, L. C. (1990). **Avaliação da aprendizagem** (2.ª Ed.). Texto Editora, LDA.

Shores, E. & Grace, C. (2001). **Manual de portefólio: Um guia passo a passo para o professor**. Artmed Editora.

Silva, B. & Craveiro, C. (2014). **O portefólio como estratégia de avaliação das aprendizagens na educação de infância: Considerações sobre a sua prática**. Revista Zero-a-seis, 1(29), 33-53. <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2153/1/28977-106889-1-PB.pdf>

Silva, T. Z. (2012). **Avaliação na educação infantil: Um breve olhar na avaliação da aprendizagem.** Revista Thema, 9(2), 1-14. <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/142>

Vilelas, J. (2022). **Investigação: O processo de construção do conhecimento** (3.^a Ed.). Edições Sílabo.

Zabalza, M. A. (2003). **Planificação e desenvolvimento curricular na escola.** Edições ASA.